

A convergência das redações e as divergências nos jornalistas

Newsroom convergence and the divergence of journalists

Nair Moreira Silva

Doutoranda para a Fundação Ciência e Tecnologia / Investigadora do Centro Investigação Media e Jornalismo (CIMJ) / Universidade Fernando Pessoa
nair.silva@gmail.com

Resumo

A convergência em Portugal está ainda por estudar, bem como as suas consequências diretas na redação e como isso afeta o perfil do jornalista. O presente estudo tentará determinar o estado dos processos de convergência, nas suas diferentes vertentes e perceber quem são os jornalistas dos jornais portugueses e a que distância se encontram do processo convergente. Tendo como base uma fundamentação teórica centrada no perfil da redação e do profissional, o presente estudo analisa o contexto de trabalho, rotinas, ferramentas e os aspectos mais importantes da prática jornalística, de forma a demonstrar se os profissionais estão aptos a dar resposta aos repto digitais ou se as suas funções são divergentes dos avanços tecnológicos exigidos.

Abstract

In Portugal, convergence is yet to be studied as well as the direct consequences of integrated newsrooms and how it affects journalists. This paper will try to determine the state of convergence process, in its different manifestations and understand who are these Portuguese journalists to confirm how far are they from convergence. The study begins with theoretical approach centred in newsroom and professional profiles, the goal is to analyze daily context, work routines, main work tools and the most important aspects of journalistic practices as means to confirm if journalists are ready to deal with digital challenge or if their job is diverging from technological demands.

Palavras-chave: Convergência; redações; jornalistas. **Keywords:** Convergence; Newsrooms; Journalists.

1. Introdução

As redações dos diários generalistas portugueses deparam-se com um processo de transformação, que afecta várias dimensões e estão a alterar o processo jornalístico e, consequentemente, a própria profissão, denominado de convergência jornalística. (Jenkins, 2006; Pavlik, 2001; Deuze, 2004; Singer, 2004; Scolari, 2008).

O ambiente de redação convergente torna-se sobre-informado e novos desafios são criados para o jornalista. A Internet está cimentada e rotinizada no trabalho da jornalista, e obrigamos, na mesma medida, a repensar a profissão, perante o crescente sedentarismo da prática jornalística (Gomes, 2012). O denominado ‘jornalismo de secretária’ encontra nesta euforia tecnológica a justificação para um jornalismo medíocre e um profissional Macgyver que faz o tudo-em-um (Gradim, 2011), capaz de produzir conteúdos hipermedia e transmedia (Renó e Flores, 2012), sacrificando, a favor da rapidez e atualização constante, o rigor, a autenticidade e a contextualização.

Por ser uma área em mutação e sobre a qual abordar o aspecto tecnológico é quase inevitável, este estudo incidirá sobre os jornalistas e o seu trabalho na redação de um dos mais antigos diários generalistas de Portugal, o Diário de Notícias, rumo a uma profissão possivelmente mais sedentária, tentando avaliar: a) rotinas de trabalho, contabilizando o tempo médio na redação; b) se a convergência afeta a qualidade do seu trabalho; c) e determinar um perfil de jornalista com base na sua formação, a sua rotina de trabalho e os aspectos mais importantes da sua profissão na hora de elaborar as notícias.

Neste enquadramento, a divergência poderá ser maior que a convergência e o papel reservado aos jornais e aos jornalistas poderá estar ameaçado.

2. A redação convergente

A típica redação de jornal que muitos se habituaram a ver, seja de forma realista ou romanceada, como o filme “Os Homens do Presidente” ou “Watergate”, retratavam ambientes atulhados de repórteres, com muito barulho, telefones constantemente a tocar, saídas repentinas para investigar uma chamada ou um furo que ainda pode fechar a edição do dia e ser uma séria vantagem ao jornal da concorrência.

As velhas redações reagiam perante um período de incerteza, com uma agenda trabalhada e rígida e prontas a cobrir espaços brancos e deadlines fixos. O objectivo final era cumprir os

pressupostos editoriais e profissionais no tempo estabelecido numa rotina planeada ao pormenor e cumpridora de regras. Mas o repórter, esse estava sempre à espera de ser chamado no último minuto e o seu tempo era dividido entre a redação e a rua. A Internet mudou as rotinas do incerto, pois perderam-se as fronteiras do hora de fecho. Tudo é feito na hora, num ciclo constante de produção e difusão da informação e em atualização permanente. A Internet adquiriu, aliás, o rótulo de “notícia de última hora” a que o jornalismo tradicional nos habituou.

O processo de convergência poderá ser parte da solução para as redações dos jornais diários, que todos os dias pautam e fixam os assuntos de interesse e o grau de credibilidade que os cidadãos atribuem. Mas implica também a disponibilidade para qualquer media estar apto a cobrir qualquer história, independentemente da plataforma de distribuição e estar apto a assumir a integração da multimedialidade no seu processo de elaboração de conteúdos. Escreve Canavilhas (2012)

(...) the integration of multimedia contents in the story should also obey a set of rules. Multimediality can occur in two ways: by accumulation or by integration. Accumulation refers to the simultaneous use of two or more types of content that perform an informative repetition in different formats. In multimediality, two or more types of content are combined by integration into an informative unit. (p. 363)

Debater o conceito de convergência não pode ser feito sem olhar com atenção para o que foi dissertado por Jenkins (2006), Grant e Fisher (2009), Salaverria (2008) e, mais recentemente, por Renó e Flores (2012). Jenkins debruça-se sobre as duas perspectivas fundamentais, de acordo com ele, da convergência: a tecnológica e a cultural. Grant, Wilkinson e Fisher (2009) dão-nos a perspectiva de práticas, técnicas e aptidões que um jornalista hoje deve ter, bem como a ética a responsabilidade e o papel do jornalista na sociedade. Para Salaverria e Negredo a convergência é “poliédrica, multifacética, ambígua. Un enigma periodístico, en fin” (2008, p. 16). Finalmente, Renó e Flores (2012) compilam alguns destes pensamentos e direcionam para a sua aplicação nos meios e na cultura face às arquiteturas comunicacionais de hoje.

A convergência é um conceito difícil de definir. E não o podemos limitar a uma só linha de pensamento, pois é mais do que produtos em simultâneo, é mais do que integração de redações. O processo de convergência consiste na reorganização das redações não só em função dos conteúdos, mas também a partir dos produtos que disponibiliza e da tecnologia que emprega. Mas a sua denominação muito mais profunda e ampla, é também a expressão mais visível por que atualmente as redações estão a passar. O processo de convergência é multidimensional e liga-se “a las tecnologias de producción y consumo de la información, com la organización interna de la empresa, con el perfil de los periodistas y, por supuesto, com los propios contenidos que se comunican”. (Salaverria e Negredo, 2008, p. 16).

Além disso, por ser um conceito em crescente descoberta subdivide-se em diferentes dimensões: a **Tecnológica** refere-se sobretudo a ferramentas e sistemas, não muito diferente do que aconteceu quando as redações jornalísticas das décadas de 80 e 90 começaram a utilizar, primeiro, as máquinas de escrever e, depois, os primeiros computadores. Na realidade da convergência assistimos à fusão, à troca ou ao intercâmbio entre plataformas e, sobretudo, entre tecnologias. Nas redações jornalísticas aparecem as televisões, os computadores e o *smartphones*. E com tudo isto, mais uma vez, sobressai o conceito de mobilidade. Isto porque temos telefones que são autênticos computadores, capazes de suportar vídeo e televisões com funções ao nível de um computador e com presença na Internet.

A dimensão **Empresarial** é seguramente afectada pela convergência, uma vez que as empresas dos media sofreram grandes alterações, não só na diversificação de meios mas também na troca que existe entre eles. Para esta dimensão convergente importa reter que todos os meios de comunicação querem cortar a meta em primeiro lugar e todos querem estar em lugares cimeiros, daí que a aposta na diversificação de conteúdos e a atuação em diferentes campos da comunicação – e isso por si só significa uma troca [convergente] entre todos os processos editoriais e comerciais dentro dos grandes grupos de comunicação em Portugal. As práticas de jornalismo integrado e a integração de redações é a concretização mais formal dos modelos de negócio atuais.

Na área **Profissional** o jornalista fez mudanças drásticas não só nas tarefas que executa mas nas suas competências técnicas e intelectuais, de tal forma que o seu trabalho atualmente abrange áreas anteriormente reservadas a outros profissionais. O seu trabalho diário é diversificado, contrastando com o que acontecia há alguns anos, em que o profissional de jornalismo apenas redigia texto ou captava som ou imagem. Mas dedicaremos mais atenção a esta área no ponto a seguir.

Com as ideias de Manovich (2005) começaram as teorizações sobre a distribuição de **conteúdos**, todos eles diferentes e carregados de intertextualidade, fundamentais para a navegação na rede. E esse conceito ganha ainda mais força com a possibilidade de troca de lugares de mediador, em que é o usuário o pivot mas movimentações em rede, já que também ele é capaz de criar os seus espaços virtuais de troca de conteúdo.

Porém, dentro de tantas características há uma que se mantém: a multimedialidade. Negroponte (1995, p. 33) definia como “la combinación de sonido, imagen e información se llama multimedia; aunque suene complicado, sólo se trata de la mezcla de bits”. Esta definição, aplicada à sociedade, que agora se converte em multimédia, é dizer que se mistura a vontade de diferentes indivíduos para comunicar, seja no campo pessoal, profissional ou económico e escolher o que quer ver, onde, quando e como segundo a sua conveniência.

Finalmente, a **dimensão Cultural** onde a convergência é vista como mais do que uma mudança operada pela tecnologia e de acordo com Jenkins (2006) “(...) represents a cultural shift as consumers are encouraged to seek out new information and make connections among dispersed media content” (p. 3). É um processo com índices culturais se olharmos para os fluxos de conteúdo que migram de uma audiência passiva para uma cultura participativa e consciente da interação com os meios tradicionais, estabelecendo um patamar cultural de relacionamento com a audiência.

Resta perceber então o que acontecerá então às redações perante esta mudança digital? Estarão aptas, enquanto meios produtores de conteúdos, para se adaptarem a esta realidade? Estão as redações jornalísticas preparadas para os novos repto digitais? Renó e Porto (2012, p. 44) admitem uma posição defensiva das redações, uma vez que na opinião dos autores as mudanças têm-se vindo a acentuar mais no ensino do que propriamente no local onde o jornalista exerce a sua profissão. São, segundo Renó e Flores (2012) um local, um espaço para fazer ou criar notícias, sem carácter de exclusividade. E alertam:

(...) Si las redacciones no empezaron a absorber de forma expresiva las tendencias sociales, la sociedade podría tomar el puesto de ellas y empezarán a producir contenidos por su cuenta, como, en cierta forma, ya ocurre. (p. 45)

Contudo, ao longo da história muitos foram os autores que defenderam que sempre que um novo meio aparece – e assim foi quando a rádio, a TV e a Internet apareceram – os velhos meios não desaparecem, mas são antes absorvidos pelos recentes, adaptando-se. Mas as redações não são um meio e poderão estar a causar danos irreparáveis na própria profissão.

3. Perfil do jornalista multimédia, polivalente e multiárea

A discussão das mudanças nesta nova sociedade de informação traz para o debate alterações de ordem tecnológica, ética, técnica e profissional do jornalismo. Embora as mudanças sejam abrangentes, salta à vista uma readaptação das rotinas de produção jornalística e a forma como isso afecta a noticiabilidade. Está a nascer uma nova cultura profissional do jornalista. As redações convergentes criam novos desafios para os jornalistas e parece emergir um novo profissional: **o multimediático**.

Apesar dos valores tradicionais do jornalismo não mudarem, mudam os métodos, que se tornam mais técnicos, complementados com uma postura polivalente, com novos hábitos, rotinas e onde ser requer o domínio de outras ferramentas e outros conhecimentos. Uma verdadeira destreza profissional.

Poderíamos dividir reação inicial de um qualquer jornalista, não só este multimidiático, perante um determinado acontecimento da seguinte forma: a primeira abordagem, a mais tradicional, será interrogar-se sobre as questões tradicionais do jornalismo: quem, fez o quê, onde, quando, como e porquê, sem afetar os verdadeiros valores do jornalismo: “é certo que a velocidade é uma ameaça tirana que assume uma vida própria, tornando impossível de separar da riqueza (...) mas esta não pode atropelar valores como o rigor, a objetividade e a investigação jornalística.” (Gomes, 2012, p. 306)

Num segundo momento, o jornalista terá que tomar a decisão do local para onde vai levar a sua história, ou seja, se tem impacto suficiente para ser divulgada imediatamente na web, se tem imagens com chamariz suficiente para um direto na televisão ou se deve aprofundar o que tem para a edição impressa do dia seguinte. Deuze (2004) lembra que o jornalismo online não é apenas redigir o texto, mas explorar todos os formatos possíveis de uma história. Já o retrato deste jornalista ‘explorador’ segundo Gradim (2011, p. 1) é de um “one man show será capaz de produzir e editar notícias para vários media (...) o super eficiente jornalista multimédia que revoluciona a produção e transmissão de notícias do futuro, e de que já haverá alguns exemplares no mercado.”

Com Cebrián Herreros (2007) entendemos que o jornalista atual apesar das exigências deste novo cenário mediático, terá que se esforçar por manter certos valores tradicionais:

El periodista tiene que dominar las herramientas de conocimiento, de análisis y interpretación de la realidad de su sociedad, aplicar criterios de selección, de valoración y de tratamientos expresivos según el medio para el que trabaja. Este proceso cognitivo clásico reclama ahora un pensamiento en red, una capacidad de interrelación de hechos, causas, consecuencias, contextos sociales, políticos, económicos y culturales para situar los acontecimientos en sus complejas relaciones (p. 195).

Torna-se urgente a adaptação do profissional a um novo panorama de competitividade e serviço à audiência como nunca antes visto, sob o risco do próprio profissional se tornar obsoleto e sem recursos. São exigidos novos reptos de formação para os futuros

profissionais onde o domínio tecnológico e capacidade de adaptação são constantemente postos à prova.

O profissional da informação, para além de manusear, articular e dominar a tecnologia e serviços informacionais, deve também cada vez mais ser capaz de compreender o processo de produção e distribuição de informação enquanto conhecimento – ou seja: é necessário que ele compreenda cada experiência ou saber a partir da realidade sócio-histórica onde foi construído (Faustino, 2010, p. 35).

Este processo transformador do jornalismo obriga a repensar a profissão. O jornalista tem mais tempo para investigar, mais fontes para aceder, mais informação disponível, mais técnica e, sobretudo, mais tempo para fazer o que sempre fez: contar a "sua" história. Wilkinson, Grant e Fisher (2009) denominam este novo profissional de “multiskilled journalist”. É um profissional que recolhe, organiza e relata a informação para um grande grupo de comunicação ao mesmo tempo que exerce vários trabalhos em simultâneo. Esta tendência tem uma crescente aceitação nos media noticiosos (Bastos, 2011). No caso da imprensa, o jornalista entrevista, redige, formata e publica, enquanto ainda trata da imagem; No caso da rádio e da televisão, reúne vídeo, som, entrevistas, edita todos os conteúdos ao mesmo tempo que assume a responsabilidade de produzir elementos interactivos e os distribui pelo diferentes media. Os autores reforçam que o mais importante para esta categoria de jornalista é “be able to look at a situation and determine what elements are needed for the various ways that media might be used to disseminate the story.” (p. 7)

Ao fazer um retrato deste jornalista multidisciplinar pode-se afirmar que ele é: *multimédia*, pois tem de saber antecipar-se ao seu público e às exigências da audiência; *multiplataforma*, que dominando a técnica, as novas tecnologias e o conteúdo, abandona o conceito de escrita puramente textual em detrimento de um modelo mais interativo; e *multiárea*, com a possibilidade de exercer o seu trabalho a partir de lugares diferentes, explorar a internet como fonte de informação – às vezes primária – ser interactivo, rápido, habilidoso e trabalhar em equipa apesar da web apresentar um modelo de composição individual (Bastos, 2011).

Ao contrário do tradicional jornalista, que se dedicaria apenas à recolha da informação, no processo convergente este profissional, rotinizado numa redação integrada, preocupa-se em servir diferente media e todos os detalhes são importantes: entrevistar, reunir informação, redigir e capturar imagens e sons. No entanto, a Internet deve ser encarada como recurso, não como prática exclusiva para a elaboração do trabalho jornalístico:

A internet como um suporte de apoio à investigação, às reportagens, mas o jornalista, esse, nunca se deve esquecer da importância das diligências, encontros e contactos efectuados pessoalmente para que a qualidade do trabalho apresentado seja inquestionável (Gomes, 2012, p. 307).

No entanto, o último retrato apresentado no estudo de Gomes (2012) revela tendências para um jornalista mais sedentário onde a fronteira do próprio jornalismo é rumo ao que o autor apelida de ‘um jornalismo de secretária’. Lembra o autor que:

os benefícios decorrentes da Internet no jornalismo terminam no exato momento em que as suas capacidades ou ferramentas são utilizados de forma nociva como substitutos de comprovações ou testemunhos presenciais de factos levando (...) à impossibilidade do jornalista efetuar reportagens nos locais dos acontecimentos, oferecendo como alternativa um jornalismo de “secretária” e ao conseqüente sedentarismo da prática profissional (Gomes, 2012, p. 309).

As preocupações estendem-se a outros campos e já não se trata só de encarar o jornalista como um profissional mais sedentário, mas que “com a possibilidade de o recrutamento de repórteres multimédia vir a produzir uma classe asséptica, que domine múltiplos talentos, nenhum em profundidade.” (Gradim, 2011, p. 8)

O trabalho do jornalista pode ser confundido com um excessivo grau de robotização daquilo que publica que pode prejudicar a qualidade dos conteúdos, principalmente quando falamos da transposição dos conteúdos digitais para o impresso. Conhecido como *shovelware* (Salaverria e Negredo, 2008; Bastos, 2011) diz respeito à informação que é publicada em grandes dimensões sem qualquer cuidado de seleção ou adaptação ao suporte em questão.

O usuário poderá sentir-se enganado ao receber conteúdos “mastigados” e de forma mecanizada, que são publicados de forma indiscriminada. A convergência multimédia e a tecnológica devem ter o seu espaço na mente dos próprios jornalistas.

4. Resultados preliminares do Diário de Notícias

O estudo sobre o Diário de Notícias está integrado num projeto de Doutoramento mais abrangente que pretende avaliar o grau de convergência de todos os diários generalistas portugueses. Para o presente artigo o objectivo foi conhecer em profundidade a organização da redação e tentar avaliar: a) rotinas de trabalho e tentar contabilizar o tempo médio na redação, o contacto com fontes e principais ferramentas de trabalho; b) se o jornalista está apto para a interatividade exigida pelo cenário convergente, nomeadamente, o domínio do aspecto mais técnico da sua profissão; c) determinar um perfil de jornalista com base na sua formação, profissional e em local de trabalho, bem como os aspectos mais importantes da profissão relativos à credibilidade, ao sucesso do jornal para o qual trabalha e vantagens e inconvenientes do uso da Internet.

Com o intuito de responder a tudo isto, efetuou-se um período de observação participante no jornal durante uma semana (a primeira de quatro semanas de observação) e elaborou-se um quadro de questões mais técnicas e generalistas, sobre as práticas e papéis dos jornalistas relativos ao desempenho da profissão. O estudo aqui proposto tentará determinar as implicações reais das práticas na rede, sentidas pelos jornalistas no seu dia-a-dia e a sua atuação perante um modelo convergente de redação. Num outro momento, recorreremos a um segundo questionário, com recurso à escala de Likert, a qual permite sustentar que determinadas atitudes constituem disposição para a ação, utilizada no estudo de Gomes, 2012. Neste modelo optamos por uma série de afirmações que permitem entender o grau de concordância do indivíduo e avaliar a convergência de redações traçando explicações para um eventual crescimento do sedentarismo do jornalista e quais são as reais implicações no seu trabalho.

O nosso período de observação participante começou com uma aproximação à redação no início do mês de Março, com uma conversa informal com o diretor do Diário de Notícias, João Marcelino. De imediato autorizou a presença da investigadora, o acesso às reuniões de redação, a observação do *workflow* do jornal e a observação dos processos que envolvem a elaboração do jornal em papel e dos conteúdos para o site. A nossa observação participante decorreu durante a semana de 25 a 30 de Março. A investigadora entrava na redação às 10 horas e saía por volta das 20 horas, próximo da hora do fecho da versão impressa. Os condicionalismo que sentimos foram essencialmente a deslocação para a redação.

A redação do Diário de Notícias foi reconvertida para um modelo de integração há sensivelmente dois anos. Uma mesa central onde se sentam os editores executivos faz a ligação às áreas temáticas e ao núcleo do online. No topo de cada seção, estão os editores logo seguidos dos jornalistas. A observação começa com a apresentação da investigadora como “um corpo estranho” à redação e os seus objectivos de investigação. Mas a maior parte dos jornalistas não mostrou inibição ao falar das suas rotinas e da paixão que sentem pela profissão.

Um dos editores confessa que “raramente sai da redação” e que o seu trabalho é feito, em grande parte, a partir do jornal. Utiliza, no entanto, a seu favor a tecnologia, seja o telefone, o email ou a internet. Conta que as tecnologias vieram mudar a sua rotina e a capacidade de estender o seu trabalho a mais fontes. Facilitou muitos processos, quer no tratamento da notícia e na sua elaboração

Mas também descobre pontos negativos. Confessa que há um maior sedentarismo do profissional do jornal e que era necessário sair mais vezes da redação se queremos melhor informação, utilizando mesmo a expressão “jornalismo sentado”. Faz falta informação mais profunda ao jornal, pois os leitores só teriam a ganhar com isso. Além disso, no terreno o jornalista consegue “sacar mais rasgos” que provavelmente na redação não é tão frequente, muito mais dependente da secretária e do contacto à distância. Este editor contou também que nota um decréscimo da utilização da reportagem no interior do jornal. A reportagem, por si, acrescenta muito ao jornal e acrescenta muito aos leitores também. É neste género que, na sua opinião, o trabalho do jornalista sobressai.

Na área de desporto presenciamos o caso de um jornalista que faz o acompanhamento de um jogo de futebol, minuto a minuto, para o site, a partir de casa. Este jornalista está, segundo um dos editores de desporto, bastante habituado a este tipo de trabalho e tem um grande à vontade com as tecnologias. Vai, simultaneamente, publicando fotografias, com acesso a partir da Reuters. Não há grande planeamento online. O colaborador já faz este trabalho há mais de um ano e tem grande autonomia, respeitando as diretrizes impostas desde que começou a colaborar desta forma e com esta regularidade.

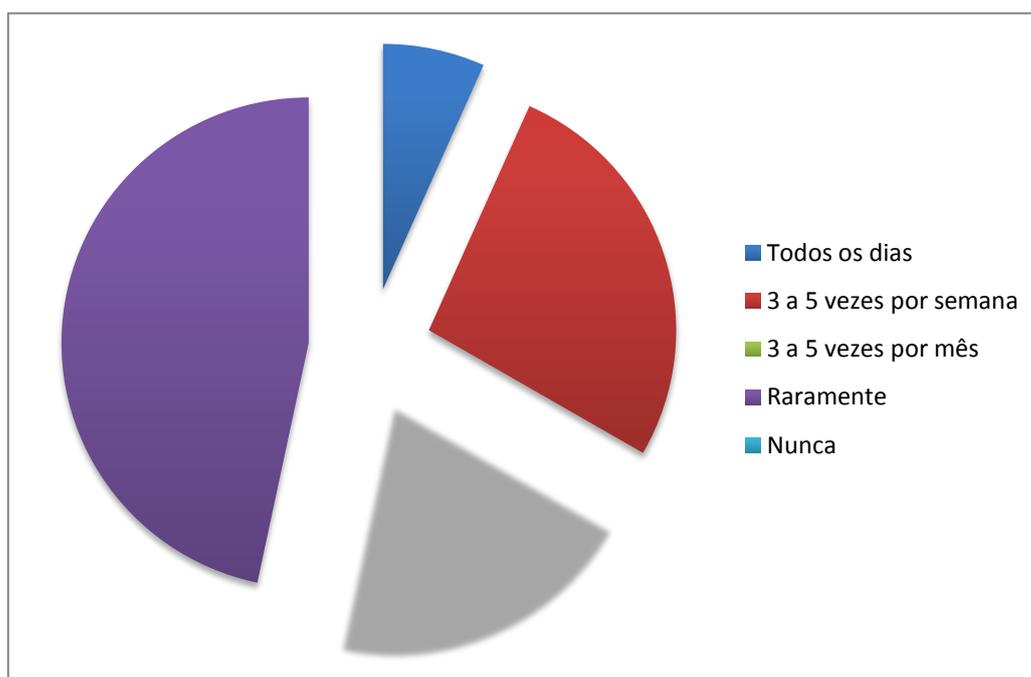
O principal condicionalismo, apontado por muitos jornalistas, é a falta de meios humanos. Na redação são poucos jornalistas. Se os mandassem todos para o terreno – ou pelo menos uma grande parte – a redação poderia correr o risco de não ter massa suficiente para repor conteúdos. Uma das editoras diz sentir que “por vezes desejava ter oito braços”, para conseguir fazer tanto e em tão pouco tempo. E muito mudou desde que o online passou a ser uma parte ativa das redações, ou seja, se antes o jornalista passava o dia à volta de uma só notícia e dividia o seu tempo no contato com as fontes, redação e publicação (mesmo tendo em conta o fecho das edições), hoje faz isso “no seu tempo livre” ou “no intervalo de telefonemas” e “às vezes em 20 minutos”.

5. Resultados preliminares dos inquéritos: as divergências dos números

Os resultados preliminares do nosso questionário apontam para um retrato de um jornalista mais centrado na redação, rumo a uma prática mais sedentária. Os questionários foram feitos a 40 jornalistas da redação, durante o nosso período de observação. Quando questionados sobre a frequência da saída da redação do Diário de Notícias, a maior parte diz sair “raramente” da redação, como demonstra o Gráfico 1, e durante a aplicação do questionário parte deles lamentaram esta situação. Apenas duas jornalista referiu sair todos os dias, mas trata-se de colaboradoras que se obrigam a sair à procura de notícias, pela sua condição de colaboradoras do jornal. Os jornalistas que saem mais vezes, entre “3 a 5 vezes

por semana” admitem também que o seu trabalho está mais centrado na redação e que as tecnologias, em particular a Internet, contribui muito para isso, como veremos mais adiante.

Gráfico 1: Frequência de saída da redação



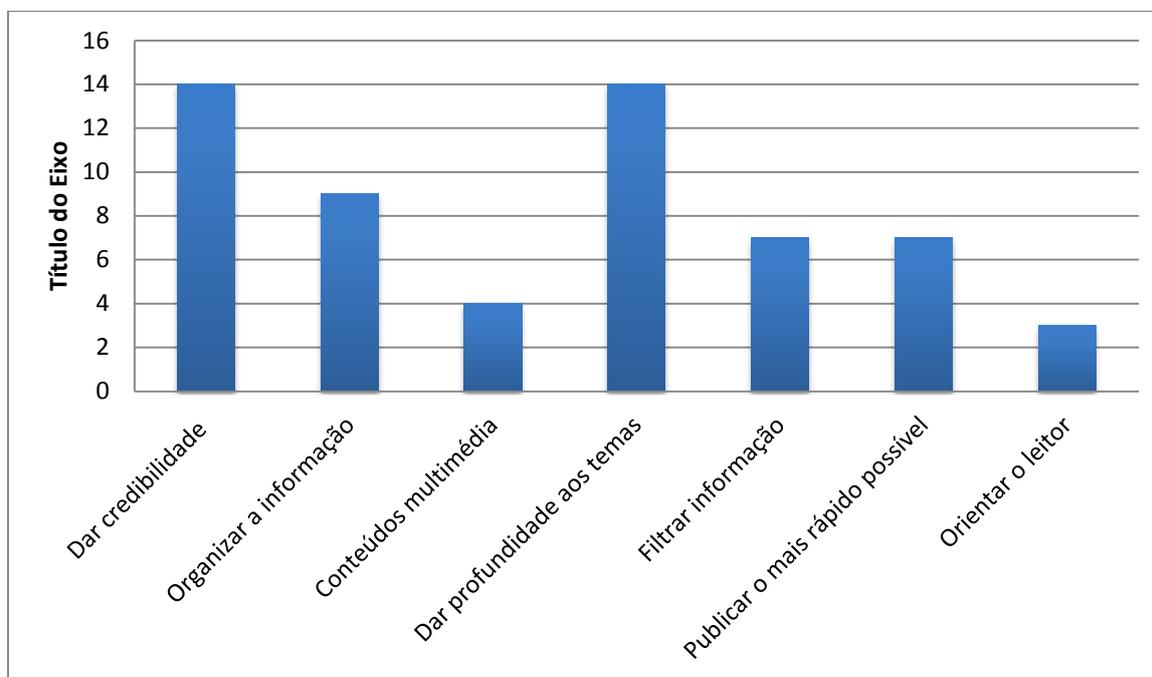
Fonte: Elaboração própria

O contacto com as fontes preferencialmente é feito por telefone (95%) e apenas uma reduzida percentagem de jornalistas admitem falar com as suas fontes cara a cara (5%), fruto da crescente concentração na redação. Quanto às ferramentas de trabalho mais utilizadas, de forma esmagadora são apontadas o “processador de texto”, com um total de (100%) que equivale ao programa que utilizam para a paginação do jornal e o programa de “back office” para a publicação de notícias no site (80%). Apenas uma reduzida percentagem (10%) admite usar “edição de fotografia” (5%) e “edição de vídeo” (5%).

Independentemente de estarem mais condicionados ao trabalho de redação, estes jornalistas continuam a demonstrar uma grande preocupação com a “credibilidade das notícias” e com a “profundidade e análise dos temas”, como demonstra o Gráfico 2. Não esquecem os valores essenciais do jornalismo. Os que escolheram “publicar o mais rápido

possível” e “filtrar a informação” foram sobretudo jornalistas que trabalham mais para o site.

Gráfico 2: O mais importante no trabalho do jornalista é:



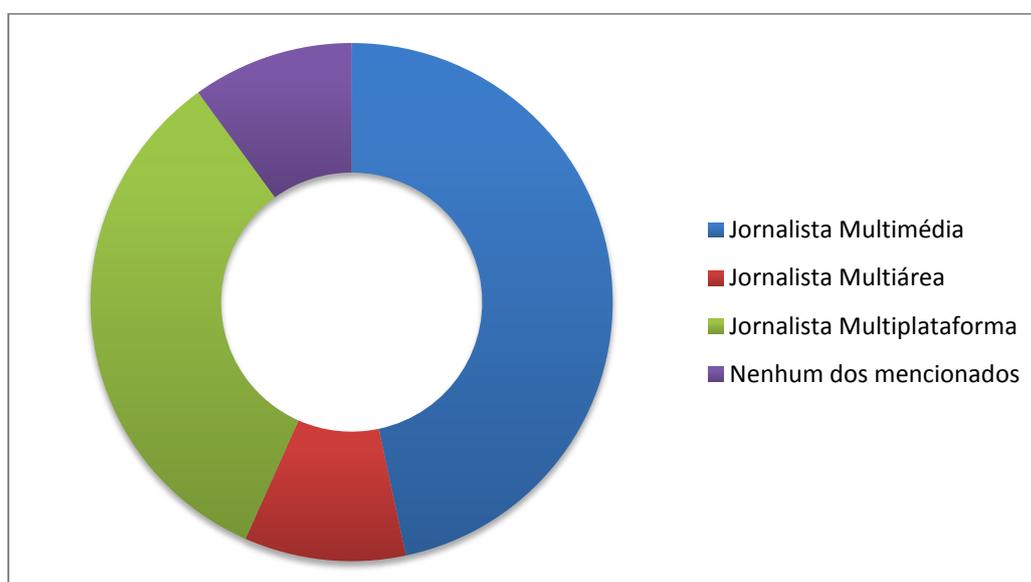
Fonte: Elaboração própria

A maior parte destes jornalistas têm curso superior (87%) e apenas uma pequena parte tem curso técnico (13%). Tentamos também determinar qual seria o perfil deste jornalista com base no trabalho que desenvolve durante o dia. Foi previamente determinado no questionário três tipos de perfis: o multimédia (aquele que desenvolve vários temas ou especializa-se num e sabe utilizar a Internet e as ferramentas tecnológicas existentes), o multiárea (assume a responsabilidade de escrever, fotografar, editar) e o multiplataforma (elabora e difunde informação para diferentes canais). Acionámos ainda a opção “nenhum dos mencionados” para o caso de alguém não se identificar com as opções. Na frente de cada uma das opções estava uma breve explicação.

As respostas, como se pode observar através do gráfico 3, dividiram-se entre o perfil multimédia e multiplataforma. Apenas três jornalistas escolheram a opção multiárea pois há

um maior distanciamento em assumir funções mais polivalentes no terreno. Já a identificação ao perfil multiplataforma foi, em grande parte, pelos jornalistas que escrevem com regularidade para o site. Curiosamente, apenas os dois que se identificaram como sendo multiárea, partilham cargos de chefia e uma visão mais próxima do que deve ser o jornalista polivalente. Apenas três jornalistas referiram não se identificar com nenhum destes perfis.

Gráfico 3: Qual dos perfis mencionados se revê mais



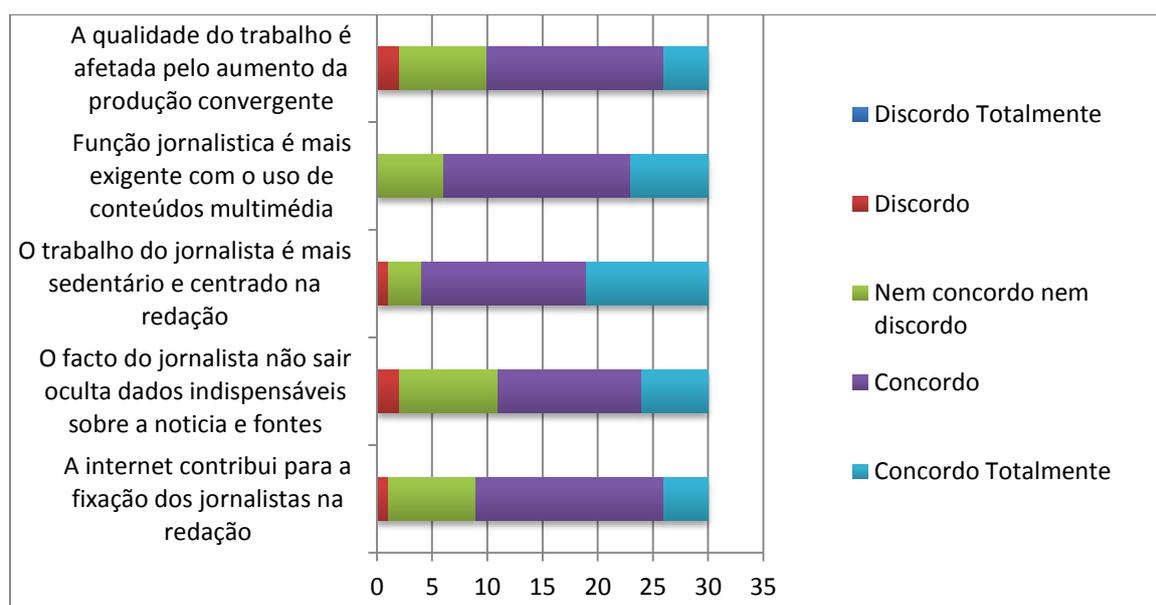
Fonte: Elaboração própria

No segundo momento do questionário, tentamos perceber o grau de concordância em relação ao sedentarismo dos jornalistas e à sua hipotética fixação na redação. Como podemos verificar no gráfico 4, a maior parte dos jornalistas concorda que a atividade jornalística está de facto mais centrada na redação, próxima de um 'jornalismo de secretária'. A opinião apenas se divide na influência que as saídas da redação possam ter na obtenção de dados indispensáveis à notícia ou até mesmo sobre as fontes.

Quanto à consequência prática da convergência no trabalho diário do jornalista, grande parte concorda que a qualidade do trabalho é afetada à medida que aumentam as exigências para produzir conteúdos convergentes e a maioria afirma mesmo que a função

jornalística se torna mais exigente. A justificação para esta pressão no jornalista reside essencialmente na falta de meios – humanos- dos jornais.

Gráfico 4: Grau de concordância sobre o sedentarismo da profissão e as consequências da convergência



6. Considerações finais

A dificuldade deste estudo reside no contexto onde se insere. O presente artigo tentou demonstrar a adaptação dos jornalistas a um dos termos chave dos dias do jornalismo contemporâneo: a convergência. A convergência é um processo demorado e a integração do jornalista neste processo poderá ser ainda maior. Quando muito se fala em convergência deparamo-nos com algumas divergências no que poderá ser no papel reservado aos jornalistas.

A convergência jornalística muda não só os processos da redação, mas o perfil de quem exerce esta profissão. A velocidade da publicação altera, só até uma certa medida, as suas

funções, mas os valores como o rigor, a objetividade, a capacidade de orientar o leitor e principalmente de conferir à sua notícia credibilidade e profundidade, continuam a ser os fatores mais importantes para estes jornalistas.

Muito embora o cordão umbilical aos valores do jornalismo não seja quebrado, os bens decorrentes da tecnologia e do acesso a informação de forma mais rápida vislumbram um perfil mais sedentário num jornalismo do hoje. Ainda não sabemos o amanhã, mas os condicionalismos económicos e de meios parecem afetar o número de jornalistas na redação, provocando condicionalismos na sua rotina de trabalho, nas saídas da redação, rumo a uma maior sedentarização, próximo de um jornalista de 'secretária'.

Quanto ao seu grau de preparação para lidar com a interatividade exigida pelo cenário convergente, nomeadamente, o domínio do aspecto mais técnico da sua profissão, parece-nos que a maioria destes jornalistas ainda concentram as suas preocupações na publicação e no fecho do jornal em papel. São pouco centrados no site e não retiram proveito das possibilidades multimédia que o site pode oferecer. Há resistência em lidar com a parte mais técnica do processo e são pouco polivalentes. Apenas se nota maior dinâmica nos jornalistas que trabalham diretamente para o site e em alguns cargos de chefia.

Os questionários, ainda que preliminares, refletem uma atitude positiva, mas cautelosa por parte dos jornalistas. Parece haver também uma certa insatisfação: por um lado pela resistência às mudanças de produção de conteúdos que fomos notando pelo período de observação participante; por outro, o grau de concordância sobre se o cenário convergente afeta ou não a própria profissão. A qualidade do trabalho é inegável e parece-nos que à medida que aumentam as exigências junto deste jornalista polivalente, alguma coisa será sacrificada e provavelmente será o produto final. As principais fontes de conflito concernem à percepção de alguns redatores que a polivalência supõe uma carga adicional de trabalho sem compensação nem reconhecimento.

Apesar de tudo percebe-se a necessidade de trilhar um caminho, parece-nos, inevitável em direção a conteúdos mais convergentes e a um profissional mais polivalente.

7. Referências Bibliográficas

- Bastos, H. (2011). *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, papéis e ética*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Canavilhas, J. (2012). *Contribution to an Online Journalism Language: Multimedia Grammar*. Eugenia Siapera and Andreas Veglis (ed). *The Handbook of Global Online Journalism*, p. 353-372. West Sussex: Wiley-Blackwell
- Cebrian, H. (2007). *Modelos de radio, desarrollos e innovaciones. Del diálogo y participación a la interactividad*. Madrid: Editorial Fragua.
- Deuze, M. (2004). *What is multimedia journalism?* Journalism Studies, 5 (2), pp. 139-152
- Faustino, P. (2010). *Tendências e Prospectiva dos Media: Inovação, Gestão. Emprego e Mercado*. Porto: Media XXI
- Gomes, R. (2012). *A queda da reportagem e os contributos da Internet para o sedentarismo da prática jornalística*. Unpublished doctoral dissertation, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa
- Gradim, A. (2011). *Os Géneros e a Convergência: o Jornalista Multimédia do Século XXI*. Acesso a 31 de Março de 2013, de <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture*. New York and London: New York University Press
- Manovich, L. (2005). *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación*. Barcelona, Paidós Comunicación
- Negroponete, N. (1996). *Ser Digital*. Lisboa: Ed. Caminho.
- Pavlik, J. (2001) - *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press.
- Renó, D. e Flores, J. (2012). *Periodismo Transmedia*. Madrid: Editorial Fragua Salaverría, R. e Negro, S. (2008). *Periodismo Integrado. Convergencia de Medios y Reorganización de Redacciones*. Barcelona, Editorial Sol90
- Singer, J. (2004).
- Scolari, C. (2008). *Hipermediaciones: elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva*. Barcelona, Gedisa
- Wilkinson, J., Grant, A. e Fisher, D. (2009). *Principles of Convergent Journalism*. New York, Oxford University Press